

AS ANDORINHAS. NEM LÁ. NEM CÁ.*

Maria Aparecida Moraes Silva* *

Resumo: Este trabalho baseia-se em pesquisa realizada com camponeses migrantes temporários do Vale do Jequitinhonha-MG para a região agrícola de Ribeirão Preto-SP. Além das técnicas de pesquisa, tais como questionários e entrevistas orais, fez-se uso da fotografia, a fim de complementar o que as palavras diziam e retratar as ambiguidades e o contexto das experiências de vida, tanto no lugar de origem, como no de destino.

Palavras-chave: Recursos visuais na pesquisa em ciências sociais; camponeses migrantes; modernização agrícola.

'Nenhuma obra de arte é contemplada tão atentamente em nosso tempo como a imagem fotográfica de nós mesmos, de nossos parentes próximos, de nossos seres amados', escreveu Lichtwark, em 1907, removendo assim a investigação da esfera das distinções estéticas e transpondo-se para a das funções sociais. Só assim essa investigação poderá progredir'.

W. Benjamin. *Uma pequena história da fotografia.*

O primeiro contato estabelecido com os camponeses do Vale do Jequitinhonha deu-se em 1985, quando estava sendo realizada uma pesquisa com os trabalhadores, denominados bóias-frias, na região de Ribeirão Preto-SP.

Era um dia de domingo do mês de junho. Fazia muito frio. Depois de entrevistados alguns trabalhadores de uma grande fazenda de café, obteve-se a informação da existência de um barracão de mineiros, situado do outro lado de um córrego nas cercanias, logo depois do haras.

Até então, desconhecia-se a existência destes trabalhadores. Tanto as pesquisas anteriores, como a bibliografia pertinente ao assunto, não fazia menção a eles. Pensava-se que esta agricultura fosse "tocada" somente pelos bóias-frias, residentes na cidades-dormitórios da região. Este era o mundo visível. Para quem aí vive, a imagem deles, circulando pelas estradas nas carrocerias de caminhões ou trabalhando nos infinitos canaviais, laranjais e cafezais, faz parte da paisagem, percebida como natural.

* Este artigo é extraído da pesquisa intitulada "Errantes do fim do século", financiada pelo CNPq e Fundunesp.

** Professora livre-docente da UNESP/Araraquara.

Na chegada ao barracão, observou-se que um grande número de pessoas, homens, mulheres, velhos e crianças, estava do lado de fora, encolhidas pelo frio e procurando se aquecer ao sol. De início, houve um certo constrangimento de ambas as partes. Do lado da pesquisadora, um misto de espanto e incompreensão diante da realidade estampada à sua frente. Diante delas, um ar de questionamento acerca da presença de uma pessoa estranha, inicialmente, confundida com alguém da grande fazenda.

Após estes momentos, iniciou-se a conversa a respeito do porquê de se estar ali e do interesse em conhecer melhor a situação experimentada por elas. Neste dia, não se fez uso do gravador. O registro no caderno de campo foi insuficiente para retratar o indizível, os silêncios, as falas entrecortadas pelos soluços, o olhar dirigido a nenhum ponto, a miséria dos corpos, o encolhimento, a dor sentida pelos doentes, a saudade da “terra da gente, do lugar da gente”, enfim toda uma situação de um verdadeiro exílio forçado, de uma fuga e não de uma partida.

O barracão enfeixava o quadro desta miséria humana. Sua arquitetura era o retrato da dominação, da exploração, em contraste absoluto com a arquitetura do haras, do outro lado do córrego, com belíssimos cavalos premiados em vários concursos nacionais. Um total de mais de sessenta pessoas repartia-se pelos cinco “quartos”, separados por plásticos pretos, que abrigavam as pessoas, independentes das diferenças de idade, sexo, estado civil, grau de parentesco etc. O critério da separação era tão somente o quantitativo. Não se levava em conta, as diferenças de nenhuma sorte. Os fogões a lenha - eram vários em virtude do grande número de pessoas - situavam-se diante dos “quartos”, imprimindo ao ambiente um aspecto lúgrube em razão da fumaça.

Duas expressões foram registradas inúmeras vezes no caderno de campo: “aqui não é o lugar da gente; aqui não é a terra da gente”. Estas palavras ditas e as não ditas constituíram-se no principal elemento detonador da pesquisa, que viria a se concretizar, a partir daquele momento.

Ao sair do barracão, tinha-se a certeza de que não se estava deixando para trás uma realidade, porém, tal realidade, doravante, faria parte das preocupações da pesquisadora, não somente enquanto objeto de estudo, como também enquanto práxis entendida como ação, visando à transformação e, mais ainda, ao compromisso humanitário.

A execução deste projeto, além das técnicas usuais de investigação, deveria navegar em outras águas. Não mais seria possível o enfeudamento da sociologia. Tornava-se imperante recorrer à antropologia, à etnografia, ademais da utilização de um outro recurso, que possibilitasse a complementaridade da interpretação das palavras, que fosse capaz de, no contexto do dizível, perceber o indizível.

Foram estas as premissas básicas que estiveram presentes na gestação de um projeto de pesquisa, cujos objetivos propostos acima, somente poderiam ser alcançados por intermédio do uso da imagem. Imagem capaz de retratar as expressões do mundo interior daqueles corpos. Imagem capaz de permitir ao observador

um outro olhar, além do da pesquisadora. Imagem contextualizada, apontando para um olhar em direção à interioridade, à subjetividade de cada um.

Estas preocupações fizeram brotar um sentimento muito forte de liberdade. Talvez, um pouco como na arte, tal como afirmou o artista argentino Antonio Berni:

“Ser artista es una de las mayores formas de ser libre”. “Si no hay amor que transmitir, no hay pintura, no hay arte, no hay nada”.

A liberdade aludida compreendia também uma outra maneira de dizer. Ao invés da linguagem pesada, carregada dos conceitos racionais e cartesianos da sociologia, surgiu uma outra mais suave, mais marcada pelos sentimentos, sem contudo perder o rigor e a ética da pesquisa. Com isto, aventurou-se pelo caminho da imagem, com a produção de fotografias e, em seguida, de um audiovisual, transformado em vídeo mediante o processo de telecinagem.¹

O conteúdo do audiovisual/vídeo reporta-se ao acompanhamento da experiência de vida destes camponeses em dois momentos: lá e cá. Lá, no lugar de origem, da “terra da gente, do lugar da gente”, um mundo diferente daquele vivido na “terra que não é da gente”. O “mundo da gente” é caracterizado pelos seus valores, referenciais, festas, enfim, sua cultura, cujo significado é a própria vida. Cá, o mundo do outro: seus valores, mundo do salário, do dinheiro, da terra do outro, em que trabalho reverte-se em tempo de trabalho.

A fotografia permitiu o registro de duas dimensões espaço-temporais. Lá, o registro de pessoas e coisas inseridas num universo material miserável, onde palavras como fome e pobreza assumem conotações tão cruéis, tornando-se difícil expressá-las por intermédio de palavras, tão somente. A fotografia permite a leitura dos processos semióticos, ou seja, ela, ao ser contextualizada no universo verbal, desencadeia as lembranças, e, ao mesmo tempo, cria novos significados a partir de relações com outros universos culturais.

Assim sendo, o recurso imagético foi extremamente fecundo à percepção destes dois mundos. Lá, as relações entre homem e natureza, homem e coisas não se caracterizam pela disfunção. Há um todo, no qual as coisas complementam o homem, agregando-se a sua materialidade e subjetividade. Cá, a câmera registrou a disfunção. O homem separado de seus meios de vida, da terra transformada em terra-capital. Homem separado do produto do trabalho. Lá, a ausência de individualidade e existência de indivisibilidade. Cá, individualidade e divisibilidade necessárias, reais. Lá e cá: dois mundos, separados no espaço, unidos no tempo. O registro dos corpos destes homens e mulheres desvelou, nestes dois momentos, sua história. História

1 AS ANDORINHAS. NEM LÁ. NEM CÁ. (Audio visual e vídeo). Direção de Maria Aparecida de Moraes Silva. Araraquara: Cedec, 1990, sonoplastia e narração de Marcos Pícolo. 40 min., VHS, v. O. portuguesa.

de migração forçada, miséria, fome, angústia, medo, perdas. História de corpos “marcados de história”, lá e cá.

Ao transpor para a imagem estes significados, atribuiu-se identidade a estes camponeses. Ao invés de considerá-los como coisas, trabalhadores reificados, tratou-os como homens, mulheres, como seres descoisificados. Desta sorte, houve uma recriação de sentidos, de significados. Assim sendo,

“fotografias... são restituídas a um contexto vivo; não ao contexto temporal original em que elas foram criadas, mas ao contexto da experiência. E lá, suas ambiguidades tornam-se, enfim, verdadeiras, permitindo que elas sejam apropriadas pela reflexão. O mundo que elas revelam, congelado, torna-se tratável. A informação que elas contém torna-se permeada pelos sentimentos. Aparências tornam-se a linguagem de vidas vividas”. (Berger & Mohr, 1982, p.289)

É justamente o retrato desta experiência que se espelha na fotografia. Ela é capaz de apreender a essência do tempo, na medida em que possui a capacidade de congelar a experiência num tempo determinado, preservando a imagem de rostos, lugares, coisas, enfim fatos sociais e históricos, ligados aos momentos em que tais fatos ocorreram. (Bittencourt, 1994, p. 2-3)

A interpretação da fotografia ocorre no contexto em que ela é produzida. Desta sorte, a complementação por intermédio de palavras faz-se necessária, porque a imagem sendo fragmentária, impõe-se ao pesquisador a interpretação para a obtenção da unicidade.

“Fotografias não são decodificadas, elas são criativamente interpretadas. A leitura depende do contexto ao qual a fotografia pertence, mas se este contexto é desconhecido, o leitor pode criar novos significados e inseri-los em uma nova corrente de sentidos”. (Bittencourt, 1994, p. 4)

Como bem retratou John Berger “*nunca olhamos apenas uma coisa, estamos sempre olhando para as relações entre as coisas e nós mesmos*”.

A captação das imagens nos dois mundos da experiência destes camponeses foi feita mediante a utilização da seguinte escolha: o mundo de lá, foi registrado em cores, ao passo que o de cá, por representar um mundo de estranhamento em relação à realidade vivida, foi registrado em branco e preto. Esta escolha resultou do olhar da pesquisadora, conseqüentemente, de sua subjetividade, carregada de outros significados. Trata-se de uma interpretação criativa, fruto da inserção em um universo cultural, designado por significados específicos. Portanto, a unicidade das imagens foi orientada por este conjunto de re-significações. Cabe ainda dizer que, ao longo da pesquisa, o objeto foi sendo construído, resultante da interação entre sujeito pesquisador e sujeitos pesquisados. Foi neste contexto de criação/recriação que a unicidade da narrativa foi sendo paulatinamente *construída*.

"... a relativa obscuridade do objeto (de conhecimento) exige um trabalho constante por parte do investigador, que através de sua reflexão sobre as informações disponíveis vai construindo, paulatinamente, o objeto de conhecimento". (Brioschi & Trigo, 1989, p. 30)

Portanto, a câmera foi registrando pessoas, lugares, coisas, acontecimentos, segundo os propósitos da pesquisa, ou seja, análise das experiências de vida dos (as) migrantes, no lugar de origem e no de destino. A narrativa das fotos, a unicidade entre elas, a ordem sequencial do espaço/tempo seguiram tais propósitos. Neste sentido, o objeto de conhecimento foi sendo construído, paulatinamente. A foto não fala por si mesma, mas são as imagens ali registradas, associadas ao conhecimento e aos propósitos do pesquisador, que a fazem falar, tal como bem demonstrou von Simson, (1991) baseando-se nas reflexões de autores sobre a fotografia.

Desde as contribuições de Margareth Mead, tomou-se consciência de que as imagens precisam ser descritas por palavras para serem incorporadas ao texto científico, segundo Leite. (1993, p.152) No entanto, esta mesma autora afirma que a transposição verbal nem sempre dá conta das contribuições da fotografia, cuja análise não pode ser unilinear.

"Exige, pelo menos, quatro vetores que se dirigem: do observador para a imagem, da imagem para o observador, de uma imagem para outra e dos retratados para o observador. Mesmo utilizando os quatro vetores nem sempre se dá conta das ambiguidades da linguagem fotográfica" (Leite, 1993, p.155).

No caso específico deste trabalho, não se lidou com fotos já produzidas anteriormente, como as interpretadas pelos historiadores, antropólogos e sociólogos, salientando-se as contribuições da professora Míriam Moreira Leite, reunidas na obra acima citada. Todas as fotos foram produzidas durante o desenvolvimento da pesquisa. No que tange à elaboração do audiovisual/vídeo foram necessários outros recursos, tais como, o uso do som e da linguagem oral.²

Em virtude dos poucos recursos financeiros destinados à pesquisa, as entrevistas gravadas resultaram em má qualidade sonora, impossibilitando sua transposição para a narração do audiovisual. A fim de preencher esta lacuna, após a escuta das 52 horas de gravação, optou-se por uma **narrativa interpretativa**, que levasse em conta dois elementos: a **narrativa imagética**, baseada na unicidade das fotos e a **narrativa oral**, baseada na interpretação das falas, valendo-se dos referenciais teóricos da investigação. Quanto ao **conteúdo da narrativa oral**, esbarrou-se em um outro obstáculo. Tornou-se evidente que, a linguagem oral não pode

2 Esta fase do trabalho foi, em grande parte, realizada pelo técnico em sonoplastia, Marcos Pícolo.

ser a mesma da escrita, principalmente, em se tratando de um trabalho destinado a um público extremamente diversificado, não somente aquele encerrado no interior da academia, como também aqueles que se acham muito distantes das cercas e dos muros que protegem os campi universitários.

Mais uma vez, concluiu-se que a solução teria que ser buscada em outras alternativas. A escuta das falas, aliada à observação das fotos e à experiência vivida em campo, desencadeou outras lembranças, guardadas pela memória da pesquisadora, conduzindo-a à uma outra viagem, agora, à obra literária.

“Quando olhamos uma fotografia, não é ela que vemos, mas sim outras que se desencadeiam na memória, despertadas por aquelas que se tem diante dos olhos... As fotografias poderiam ser comparadas a imagens armazenadas na memória, enquanto as imagens lembradas são resíduos substituíveis de experiências contínuas”. (Leite, 1993, p.145)

As fotos, as lembranças de rostos, de situações definidas por alegrias, tristezas, sofrimentos, desilusão, medo, angústia, foram trazendo à tona outras lembranças, até então inertes em algum lugar da memória. As obras de Guimarães Rosa, em particular, *Grande Sertão: veredas*, re-traduziram o conhecimento do objeto da pesquisa. O apego à “terra da gente, ao lugar da gente”, nada mais era do que a imagem do sertão roseano, sertão que não se reporta apenas ao espaço geográfico, mas é definido por um modo de vida e de ser singulares, no qual natureza e história fundem-se em uma unidade inseparável, uma inexistindo sem a outra, e, muitas vezes, assumindo o caráter mítico de um povo específico, marcado pela visão trágica do mundo, ou pela travessia.

“A vida, nessas circunstâncias, ou vira travessia e resignação diante dos acontecimentos, ou busca um modo de contorná-las, o que acontece no plano simbólico”. (Arruda, 1993, p.73)

A composição final do audiovisual incorporou, além da narrativa oral e imagética, a narrativa dos camponeses re-traduzida pela fala do personagem roseano, Riobaldo.³ Músicas e poesias locais ou outras referentes à temática em questão completaram as imagens sonoras.⁴

3 O professor, José Dejalma Desotti, foi o narrador das estrofes de poesias orais do Vale do Joquitinhonha, de algumas falas dos camponeses e de Riobaldo, o personagem roseano.

4 A transformação do audiovisual em vídeo, mediante o processo de telecinagem, permitiu que as imagens continuassem fixas. Neste momento, houve o apoio financeiro da Diocese de Araçuaí, cidade do Vale do Jequitinhonha, de onde partem muitos camponeses migrantes.

Feitas estas considerações, far-se-á, em seguida, a exposição do texto do audiovisual, referente à narrativa oral. Com isso, objetiva-se concretizar as idéias e os caminhos percorridos para a elaboração deste trabalho.

Primeira Parte (em cores)

A terra da gente. O lugar da gente

(Primeiro narrador) **A terra da gente é aqui. O vale do rio Jequitinhonha, cheio de grotas, veredas, chapadas.**⁵

(Segundo narrador) Situado no norte e nordeste de Minas Gerais, ocupa uma área de 85.000 km², o que corresponde a 14% da área do estado. Aqui estão 52 municípios, com uma população de mais de novecentos mil habitantes.

O rio Jequitinhonha ou Jequi já foi muito rico em ouro e diamante. Durante o séc. XVIII, as regiões de Minas Novas, Diamantina, Cerro e Grão Mogol foram importantes centros produtores destas pedras preciosas.

Mais tarde, depois da decadência da mineração, a vida econômica desenvolveu-se de forma bastante peculiar: passou a predominar ao lado das grandes fazendas, a pequena produção de subsistência de homens e mulheres de poucos recursos.

Nas partes baixas, nas áreas de veredas e grotas, os camponeses construíram sua morada e plantavam suas roças de subsistência, como milho, feijão, mandioca e arroz. Nas partes altas, nas chapadas, os camponeses soltavam o gado e aproveitavam a madeira, raízes, frutos e também praticavam a caça.

As grotas e veredas eram propriedades pessoais de cada um. As chapadas eram propriedades comuns de todos. Segundo os camponeses, a chapada foi Deus quem fez.

Nas chapadas havia de tudo: madeira, fruta, como a jaca, pitanga, genipapo, gabioba. Havia o papari, o piquizeiro, de cujo fruto, o piqui, se extraía o óleo utilizado na alimentação. Não havia cerca na chapada...

(Primeiro narrador) **O chapadão é sozinho. A largueza. O sol. O céu de não se querer ver. O verde carteadado do grameal. As duras areias. As arvorezinhas ruim-inhas de minhas. A diversos que passavam abandonados de araras - araral - conversantes. Aviavam vir os piriqitos, com o cantoclim. Alí chovia? Chove - e não encharca roça, não rola enxurrada, não se produz lama: a chuva inteira se sorverte em minuto terra a fundo, feito um azeitezinho entrador. O chão endurecia cedo, esse rareamento de águas, o fevereiro - chapadão, chapadão.**

5 Doravante, o primeiro narrador referir-se-á à fala de Riobaldo, às poesias ou à camponeses, interpretada pelo professor Desotti; o segundo narrador, Marcos Pícolo, será o responsável pela narrativa interpretativa.

(Segundo narrador) A forma de apropriação das terras, tanto das grotas como das chapadas, era baseada nos costumes e nas necessidades de cada família. O trabalho definia os limites das terras de cada um.

(Primeiro narrador) **A terra era assim: A gente ocupava o que era dos pais e só podia ocupar mais terra se não apertasse o vizinho. Se o vizinho falar que é dele, então que seja dele mesmo. A gente respeita. Era o costume de não invadir terra dos outros.**

(Segundo narrador) A chapada funcionava como complemento das terras das grotas e veredas. Havia aí uma união muito estreita entre homem e natureza. A natureza existia como prolongamento do homem. Era seu complemento. Era um todo, em que não havia a individualidade e onde havia a indivisibilidade.

A CHEGADA DA CERCA

No início dos anos setenta, a fisionomia do Vale transformou-se radicalmente. Grandes projetos de empresas estatais e particulares iniciaram o Reflorestamento com a plantação de eucaliptos nas chapadas. Grandes fazendeiros implantaram projetos de cafeicultura e pecuária. Além disso, milhares de hectares de terra foram ocupados por grupos de japoneses, cujos produtos são totalmente exportados.

O objetivo era levar o progresso ao Vale, chamado de Vale da Morte, da Miséria, uma das regiões mais pobres do país, e transformá-lo no Vale da Esperança, do Futuro.

Em nome deste progresso, subvencionado, em grande parte, pelos governos Estadual e Federal através de incentivos fiscais, 14 empresas instalaram-se no Vale, iniciando a obra de destruição das chapadas, daquela que foi Deus quem fez, da terra de ninguém, porque era de todos. Chegou a plantação do eucalipto, a planta estranha.

(Primeiro narrador)

**Povo que vem lá de fora,
Trazendo a sabedoria,
Trouxe a planta estranha,
Nóis aqui não conhecia,
Tomou a terra do posseiro
E pagou com a bicaria.
Hoje, quem era o dono da terra,
É o bóia-fria.**

(Segundo narrador) Esta planta estranha ocupou mais de 420 mil hectares de terra. A finalidade era a produção de carvão vegetal para as Usinas do Vale do Aço, além de papel e celulose. Hoje, já se sabe que, a produção de carvão mediante processos semi-artesanais, é uma atividade antieconômica, restando aos mais de 420 mil hectares com eucaliptos, sua função de reserva de valor.

Além do eucalipto, os camponeses viram a chegada da cerca, assistiram à destruição das chapadas pelas queimadas, viram morrer seus animais de caça, as madeiras, as árvores frutíferas, as raízes e folhas utilizadas como remédio. Para estes camponeses, a chegada das grandes empresas representou a morte daquela que foi Deus quem fez, e com ela, eles viram morrer seu complemento, seu desdobramento, sua parte necessária.

Analfabetos, em sua grande maioria, não possuindo escrituras de suas terras, desconhecendo o valor da terra como mercadoria, não souberam e não puderam fazer frente aos grandes projetos sustentados por legislações específicas, que transformaram as chapadas em terras devolutas e forneceram as bases à grilagem, suborno, ameaças, violência, assassinatos. Muitos, ludibriados e ameaçados por grileiros de terra vindos de São Paulo, venderam suas terras a preços mínimos às grandes empresas.

A plantação homogênea do eucalipto provocou desequilíbrio natural, agravamento dos períodos de seca e secamento das nascentes de água e rios. O desequilíbrio natural foi seguido do desequilíbrio social, mediante o agravamento da miséria e fome. Nestes últimos vinte anos, mais de duzentos mil pessoas migraram definitivamente desta região. Para a grande maioria dos que ficaram, sobrou a sorte da migração temporária, principalmente para o estado de São Paulo, para a região agrícola de Ribeirão Preto.

Para estes, o viver transformou-se num vôo forçado de andorinhas, num vôo perigoso, numa travessia... um viver perigoso, onde ficar no Vale significa sair dele e vir para São Paulo.

(Primeiro narrador) **É um viver, de vidas separadas no tempo e no espaço. É um viver de migração determinada por uma lei escondida e vivível, mas não achável, do verdadeiro viver: que para cada pessoa, sua continuação já foi projetada, como o que se põe, em teatro, para cada representador - sua parte, que antes já foi inventada, num papel... É um viver de milhares de sertanejos, de catrumanos, de capiaus que perderam ou estão perdendo o sertão, com vidas cheias de passagens emendadas.**

Vou lhe falar. Lhe falo do Sertão. Do que não sei. Um grande sertão. Não, sei. Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pessoas. E só essas poucas veredas, veredazinhas. O que muito lhe agradeço é sua fineza de atenção". Lhe falo, deste Sertão que está dentro da gente.

VIDA E TRABALHO

(Segundo narrador) Com a morte das chapadas, provocada pela chegada da cerca, os camponeses foram amputados de um importante meio de sobrevivência.

Neste momento, sentiram o peso do processo da proletarização. Foram reduzidos às minúsculas áreas das veredas, grotas e morradas. Não podendo ocupar as áreas de chapadas e, premidos pelo avanço das grandes fazendas de café e pecuária, o resultado foi a ocupação do mesmo lote por várias famílias, com o mesmo grau de parentesco. Isto enfraqueceu enormemente a terra. A produtividade do trabalho decresceu, em virtude da exiguidade dos lotes causada pela pressão demográfica, pela quase inexistência do uso de fertilizantes e pelo uso de instrumentos de trabalho, que se reduzem à enxada e enxadão. Muitos não possuem sequer machado ou foices. O uso de arados de tração animal, praticamente inexistente.

A área plantada resume-se a poucos hectares de terra nas morradas, grotas e veredas. A produção é insuficiente para a sobrevivência. Quando há falta de chuvas, perdem toda a colheita. A pobreza e fraqueza da terra assemelham-se à pobreza e fraqueza destes homens e mulheres. Ambos, terra e homens, formam uma simbiose de miséria, de despossessão, de encolhimento, onde a terra reflete a miséria dos homens e estes a fraqueza daquela.

Os camponeses formam um todo com algumas diferenciações:

- há os que perderam a terra e vivem nos povoados. Enquanto esperam o período de migração, empregam-se como parceiros ou “macaqueiros” ou “cacaieiros” nas fazendas vizinhas.

- há os que possuem a terra e não produzem o suficiente para a sobrevivência.

- há os que possuem a terra e produzem algum excedente, vendido nas feiras.

- há aqueles que combinam a produção na terra e o trabalho de artesanato das mulheres.

O trabalho na terra não obedece a uma divisão sexual rígida. Tudo depende do tempo de migração. As mulheres podem desempenhar todas as tarefas agrícolas, desde o preparo da terra, plantação, capina até a colheita.

Além do trabalho na roça, as mulheres realizam as tarefas domésticas, cuidam dos animais, caso os possuam, da educação dos filhos, da indústria doméstica, como a preparação da goma (polvilho) e farinha, e do artesanato em barro, da fiação e da fabricação da rapadura.

As tarefas relativas ao artesanato e indústria doméstica estão cada vez mais raras, em virtude do empobrecimento dos camponeses, causado pelas longas estiagens que secaram o barro e pelo enfraquecimento da terra, comprometendo a colheita de mandioca, cana e algodão.

Em virtude do secamento das nascentes de águas nas veredas, tornou-se necessário, em muitos casos, buscar água, lavar roupa e até louças, percorrendo longas distâncias. Esta é uma tarefa das mulheres e crianças. Com a perda das chapadas, houve a necessidade de buscar lenha em outros lugares distantes, pois

é proibido, sob pena de prisão, pegar os galhos de eucaliptos nas chapadas. Esta também é uma tarefa das mulheres. Muitas delas desempenham estas atividades, em troca de dinheiro ou mercadorias, para aquelas mais velhas, impossibilitadas de percorrer as longas distâncias.

Quando empregam-se como “cacaieiras”, recebem menores salários que os homens. Quando trocam dias de trabalho, sofrem as desigualdades: um dia de trabalho do homem é igual a dois dias de trabalho das mulheres. Há lugares onde as mulheres só trocam dias se for com mulheres; há outros, em que as mulheres não trocam dias.

Mesmo realizando todas estas tarefas, o trabalho das mulheres é sempre visto como ajuda ao trabalho, como um trabalho leve, um trabalho que só existe quando há precisão. Além destas atividades, elas trabalham no garimpo, “bateiando”, às vezes o dia todo para encontrar alguns torrõezinhos de ouro, vendidos aos comerciantes das cidades.

Quanto aos homens, realizam as tarefas agrícolas, caso não precisem migrar. Empregam-se como “cacaieiros”, trocam dias ou são parceiros. Aos não migrantes, sobram o trabalho duro nas carvoarias e florestas de eucaliptos.

Este tempo de trabalho “na terra da gente” é um tempo de espera, de esperança de encontrar emprego nas Usinas em São Paulo para não precisar correr o risco de ser escravo em Mato Grosso do Sul.

(Primeiro narrador) **É o tempo em que se sofre a esperança de não morrer. É uma travessia que dura um instantezinho enorme. É um tempo em que, no estado do viver, as coisas são enqueridas com muita astúcia: um dia é todo para a esperança, o seguinte para a desconsolação”.**

FEIRA

As feiras realizam-se nas cidades aos sábados. Já pela madrugada, as estradas e caminhos são percorridos a cavalo ou a pé por homens, mulheres e crianças, que levam seus produtos excedentes à feira: farinha, verduras, frutas, requeijão, cabras, cavalos, carne, doces, licores, pimenta, sucos, quitandas, produtos de artesanato. A presença das mulheres com crianças é bastante grande. Aliás, as crianças acompanham a mãe em todas as tarefas da casa, roça, feira e indústria doméstica. Este fato constitui-se num elemento importante da socialização do grupo familiar como um todo. A Feira é um momento importante para a sociabilidade. Reúne os iguais, que se acham separados nas distantes grotas e veredas. Conversa-se sobre o tempo, os conhecidos, as colheitas, o trabalho em S. Paulo, as cartas que chegam ou não dos parentes que estão fora.

Nas feiras, as mulheres falam muito, conseguem sorrir, apesar de seus dramas. Aquelas que estão sós manifestam ter autonomia; vendem o produto, rece-

bem o dinheiro. Aquelas que estão acompanhadas pelo marido não fazem as operações mercantis. Neste caso, são os maridos que as fazem.

Pode-se notar nas feiras, que a autonomia das mulheres só existe se elas não estiverem acompanhadas dos pais e/ou maridos. No bar, no boteco dos povoados, vendem-se produtos industrializados, principalmente bebidas alcoólicas, em um espaço onde as mulheres não estão presentes. É um espaço masculino. Desenvolve-se aí uma sociabilidade muitas vezes permeada por brigas, violências e até mortes. É um espaço onde chegam e partem as cartas e notícias, dos que ficam e dos que partem. É também um espaço onde os gatos mercantilizam a força de trabalho para as Empresas capitalistas em São Paulo e Mato Grosso do Sul.

A FESTA

A religiosidade está bastante presente entre os camponeses do Vale. É um sentimento muito profundo. Se a migração provocou a despossessão destes camponeses, a festa, a religiosidade, o mundo simbólico, este mundo invisível, constituem-se no elo da contradição desenraizamento-reenraizamento.

A migração desenraíza. A festa, o mundo simbólico reenraízam. Este mundo invisível parece ficar na terra, parece não migrar. É em busca dele que as andorinhas voltam. É para mantê-lo vivo que elas partem.

Aqui, na terra da gente, o viver é assim. Como diz José de Souza Martins sobre as migrações temporárias: "É viver com o presente e sonhar com o ausente. É ser e não ser ao mesmo tempo; sair quando está chegando, voltar quando está indo. É necessitar quando está saciado. É estar em dois lugares ao mesmo tempo e não estar em nenhum. É até mesmo partir sempre e não chegar nunca".

Segunda parte (em branco e preto)

(Primeiro narrador) **A terra que não é da gente. O lugar que não é da gente.**

A região de Ribeirão Preto-SP constitui-se numa das principais regiões agrícolas do Brasil, além de sediar importantes complexos agro-industriais. Reúne sete complexos citrus, cinco de carne, sete de leite, três de rações, 15 de algodão e 41 Usinas de açúcar e álcool.

Produz praticamente todos os produtos. Representa 25% do valor da produção agropecuária do Estado.

Em 1986, produziu quarenta milhões de toneladas de cana numa área de mais de 560 mil hectares de terra, quase quinhentas mil sacas de café e mais de 80 milhões de caixas de laranja, um pouco menos de sete milhões de arrobas de algodão, 16 milhões de sacas de milho e nove milhões de sacas de soja. Possui setecentos mil hectares de terra em pastagens cultivadas e mais de cem mil hectares com

eucaliptos. A mecanização é bastante desenvolvida, apresentando cerca de cinquenta mil tratores em 1986. Os níveis de produtividade superam a média do Estado.

Para esta enorme produção, a região necessita de grandes contingentes de mão-de-obra, principalmente nos períodos da colheita. A maneira de produzir associa elevada mecanização a uma demanda desigual de mão-de-obra.

No período da colheita do algodão, café, laranja e corte da cana, que se passa nos meses de abril a outubro, a região demanda um maior contingente de trabalhadores, cuja oferta no local é insuficiente.

Por isso, além dos bóias-frias residentes nas cidades-dormitórios da região, os mineiros do Vale, os baianos do sul da Bahia e outros vindos dos estados do nordeste e norte do Paraná, passam a completar o conjunto do grande exército de trabalhadores, distribuídos pelos milhares de hectares em cana, café, laranja, algodão. É o momento da vinda das andorinhas.

Os mineiros, homens, mulheres e crianças são arrebanhados no Vale pelos gatos, agenciadores de mão-de-obra das Usinas e fazendas. Este arrebanhamento implica uma seleção que passa pelos crivos de idade, sexo, força.

Os mais jovens, homens, dotados de maior capacidade de força para o trabalho, são selecionados para as Usinas. Esta seleção possui dois momentos: no Vale pelo gato, e na Usina pelos médicos. Os doentes chagásicos, em sua maioria, não são aceitos ou são aproveitados em tarefas consideradas mais leves, como na equipe de fogo, guardas, cozinheiros, fiscais, sinalizadores ou até mesmo para a limpeza na área industrial da Usina. Uma boa parte deste contingente passa a residir nos alojamentos das Usinas, construídos no espaço da cana.

Quanto às mulheres, elas não podem residir nos alojamentos. Se elas se destinarem ao corte da cana, são obrigadas a residir nas pensões ou quartos alugados nas cidades ou então em casas de ex colonos, no interior das áreas de cana.

São mulheres solteiras, casadas, sós, com ou sem filhos. Quando migram acompanhadas dos filhos menores, os deixam nas creches caso haja vagas, ou sob a guarda, mediante pagamento, de outras mulheres nas cidades.

Muitos não conseguem os níveis de produtividade no corte, exigidos pela Usina. Por isso, trabalham em duplas com outras mulheres ou com os maridos e irmãos, ou ainda, empregam-se em outras tarefas da cana, tal como a mistura do bagaço com a terra, cujo preparo serve para o plantio da cana.

OS ALOJAMENTOS

Os alojamentos têm capacidade para comportar cerca de duzentos a oitocentos homens. Fazem parte da paisagem da cana, pois se acham encravados no meio dela.

É um lugar de recuperação das energias gastas no trabalho duro do corte. Aí existe uma disciplina rígida, mediante o controle de hábitos de higiene, de comportamento de lazer, de repouso, de sociabilidade de centenas de homens. O controle e

a disciplina ficam a cargo de guardas, não armados, escolhidos entre os próprios mineiros, geralmente, pessoas de confiança da Usina, por Assistentes Sociais e outros mediadores.

Alguns destes alojamentos são cercados por arame farpado. A entrada e saída de pessoas são totalmente vigiadas e controladas. Não se permite a entrada de pessoas estranhas, sem a autorização da Usina.

Os alojamentos constituem-se parte da estratégia dos Usineiros, no sentido de controlar e disciplinar estes homens, reduzindo-os a fornecedores de força, de energia para o trabalho. Através do isolamento espacial, objetiva-se evitar a união política e social com os bóias-frias das cidades.

AS PENSÕES

As pensões assemelham-se aos quartos de cortiço, entupidas de pessoas, coisas, roupas e instrumentos de trabalho. Aí, o controle é exercido por intermédio de outros mediadores: seus proprietários, polícia, aparato jurídico, empreiteiros e demais habitantes das cidades-dormitórios.

Os mineiros vivem vigiados. São considerados encrunqueiros, sujeitos. Toda sorte de estigmas impinge-lhes o caráter de “gente de fora”, “fora do lugar”.

(Primeiro narrador) **Nunca a gente esquece a terra natal da gente, se tivesse conforto no Estado da gente, a gente não estaria aqui, onde os mineiros são mais detestados, às vezes a gente sente até vergonha de sair na rua aí e falar que é mineiro, porque o povo aqui são muitos os que não topam os mineiros, muitos tratam a gente muito bem, mas outras já escandalizam muito.**

NAS FAZENDAS DE CAFÉ

(Segundo narrador) Nas fazendas de café, as condições de trabalho e de moradia diferem das áreas de cana. O sistema mais usual de moradia é o Barracão. Trata-se de uma grande construção em blocos, com divisões internas para grandes quartos. Às vezes, estas divisões são em plástico.

Os fogões à lenha são construídos em face dos quartos ou no interior deles mesmos. Não há instalações sanitárias. Homens, mulheres e crianças alojam-se promiscuamente nos quartos. Pelo fato de prepararem a comida em latas, que frequentemente se queimam, são chamados de queima-latas.

A presença de mulheres nestes barracões é bastante grande. Muitas delas estão com filhos pequenos, e até mesmo com bebês. Recebem, em geral, salários mais baixos que os bóias-frias da cidade. Analfabetas, em sua quase totalidade, não sabem dizer nem sequer o quanto recebem.

No café, a presença de mulheres do Vale é bem maior do que na cana. São acompanhadas pelas crianças no trabalho. Após o desconto da parte entre 10 e 20%, destinada ao gato, da compra de alimentos, o dinheiro que sobra, para mandar a outros membros da família que ficaram ou para levar consigo, é bastante pouco.

Em virtude da extrema precariedade das condições de moradia nestes barracões, o acesso a eles de pessoas estranhas à fazenda é praticamente impossível.

Apesar do alojamento da Usina diferir do barracão pelas melhores condições, eles apresentam o mesmo objetivo comum: a cessão da moradia como forma de maior controle, disciplina, fixação da força de trabalho e pagamento de menores salários, tanto no espaço produtivo, quanto no reprodutivo.

(Primeiro narrador) **Na terra que não é da gente, a gente vive vigiado e escondido.**

(Segundo narrador) Aí, pode-se compreender o que é exploração da força de trabalho, tempo de trabalho, terra como mercadoria e o que é o capital. É reduzir-se a um bagaço de cana. Aí, toda esta gente está separada da terra, dos meios da produção. Aí, existe a individualidade e a divisibilidade necessárias, reais.

Lá e cá: dois mundos separados no espaço e no tempo. O registro do corpo destes homens, mulheres e crianças desvela, nestes dois momentos, a sua história. História de migração forçada, miséria, fome, angústia, medo, perdas. História de corpos marcados de história, lá e cá.

Depois do tempo de trabalho na “terra que não é da gente”, as andorinhas voltam para o sertão.

(Primeiro narrador) **O Sertão - se diz - o senhor querendo procurar, nunca não encontra. De repente, por si, quando a gente não espera, o sertão vem... o sertão é uma espera enorme, onde o viver é um descuido prosseguido, onde as pessoas e as coisas não são de verdade, onde o real não está na saída, nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.**

(Segundo narrador) As andorinhas voltam em busca do reencontro de uma espécie de buraco negro, invisível, que ficou, e que constitui uma reserva de energia enorme e misteriosa. É o momento da reencarnação com a terra, a gente, o lugar, a festa, a espera e a esperança.

PALAVRAS FINAIS

Restam, ainda alguns comentários sobre este trabalho. Como foi dito, em linhas atrás, visava-se chegar aos sujeitos desta história, aos dominados, além de uma reflexão acadêmica. Assim sendo, afim de melhor atender à demanda, proveniente de sindicatos, organizações não governamentais, universidades, centros de pesquisa, pesquisadores, prefeituras, escolas secundárias, foi realizado o vídeo, de mais fácil distribuição. Com isso, acredita-se ter possibilitado não somente a divulgação, como também a visão crítica desta realidade.

Outrossim, a partir daí, iniciou-se uma colaboração extremamente fecunda com a Pastoral dos Migrantes, que se prolonga até hoje, resultando em muitos produtos de reflexão e práticas *vis-a-vis* a esta temática.

Assim que foi terminado o audiovisual, foram reunidos na cidade de Dobrada-SP, em torno de 150 migrantes do Vale, para assistirem à exposição do mesmo. Esperava-se, com esta ação, estar estabelecendo um outro diálogo com eles. Finalizada a apresentação, o que se observou foi um profundo silêncio, seguido de uma expressiva tristeza, estampada em cada rosto.

Silêncio. Uma outra forma de dizer. Uma outra re-significação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. "A construção imaginária de Minas Gerais". In: QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de (org). *O imaginário em terra conquistada*. São Paulo: CERU, 1993. (Coleção Textos. Série 2, (4):45-74).
- BENJAMIN, Walter. Pequena história da fotografia. In: — *Magia e técnica, arte e política*. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 91-107.
- BERGER, John; MOHR, Jean. *Another way of telling*. New York: Pantheon Books, 1982.
- BRIOSCHI, Lucila; TRIGO, Maria Helena. *Família: representação e cotidiano: reflexões sobre um trabalho de campo*. São Paulo: CERU, 1989. (Coleção Textos. Série 2, (1)).
- BITTENCOURT, Luciana. Teoria e método da imagem fotográfica enquanto instrumento fotográfico. Trabalho apresentado no XVIII ENCONTRO Anual da ANPOCS, Caxambu, 23-27 de novembro de 1994, mimeo.
- LEITE, Miriam Moreira. A fotografia e as ciências humanas. In: —, *Retratos de família*. São Paulo: Edusp/FAPESP, 1993. p. 141-166.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. *As Andorinhas. Nem lá. Nem cá*. (audiovisual/vídeo). Direção de Maria Aparecida de Moraes Silva. Sonoplastia de Marcos Pícolo. Araraquara: Cedec, 1990. 40 min, VHS, v. português.
- SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. *Som e imagem na pesquisa qualitativa em ciências sociais*. Campinas: UNICAMP, 1991. (Boletim do Centro de Memória da UNICAMP, nº 5).

Abstract: This work is founded in a research carried out with peasants, temporarily migrated from the Jequitinhonha Valley-MG, to the agricultural region of Ribeirão Preto-SP. Beside the research techniques, as questionnaires and oral interviews, there have been used photographs in ordes to complement what the words sais and to portray the ambiguities and the context of the life experiences in the origin place as much as in the destiny one.

Keywords: Visual resources in social sciences research; migrant peasants; agricultural modernization